

PANAIR DO BRASIL

Da cordilheira dos Andes ao longínquo Oriente em possantes quadrimotores DC-6

58

RUBEM BRAGA

Carta ao Presidente

DOUTOR Juscelino —

Quando o senhor era candidato, e foi ao Espírito Santo, uma promessa que fez foi a de resolver a questão de limites com Minas. Depois, como é natural, não pensou mais nisso. Não venho lhe cobrar a promessa, pois nela não acreditei.

Aquêles velho sonho mineiro do Calhau de «botar os limites no mar» vem sendo realizado pacificamente pelo mesmo processo que resolve tudo no Brasil, inclusive a construção de Brasília: loteamento. Se o senhor pegar uma lente de aumento e botar em cima de um mapa do Espírito Santo, verá que todo o litoral está quadriculado em retícula fina: são lotes de praia que os mineiros estão comprando, um a um, da Bahia ao Estado do Rio. Assim o mineiro cumpre um gosto e um sonho: comprar terra, e ver o mar. Está certo.

Mas não é de mar, senão de rio e lagoa que ora lhe venho falar, doutor. Temos um rio em sociedade, que é o Doce; nasce em serras mineiras e atravessa o Espírito Santo do levante para o poente, até o oceano. Um grande, largo, belo rio; mas, sem desfazer de nenhum trecho dele, acho que o que ele tem de mais bonito é uma lagoa que nêle deságua a umas oito léguas do mar, perto de Linhares, e se chama Juparanã. É uma beleza; dela direi o que de um cavalo, que queria vender, dizia um cigano, em Pernambuco: doutor, Juparanã, é uma moça nua! Longa de muitas léguas, funda de muitas braças, tem praias de areia fina, é cercada de florestas e a água é limpinha; linda. Ali há muitos peixes, e eu lhe digo: até espadarte do alto mar visita essa lagoa.

Quando houver turismo no Brasil, Juparanã será um grande centro de pescaria de água doce e corrida de esquí e barco a vela. Sua grande beleza, que é a floresta em volta, já está prejudicada; resta, felizmente, uma grande parte, que ainda não foi queimada para formar roça porque, por um desses casos estranhos do Brasil, pertence ao SESI. Eu poderia lhe contar como e porque o Serviço Social da Indústria acabou dono de matas; mas a história é longa e feia, não vale a pena. O que interessa dizer é que neste momento alguns senhores mineiros QUE SE DIZEM DE DIAMANTINA E AMIGOS DO DOUTOR estão arrumando para comprar aquelas matas do SESI por um preço camarada que ajeitarão lá com o sr. Lunardi, que também é mineiro como nós — perdão! — como o doutor, para revender em alqueires.

Chamo sua honrada atenção, presidente: aquelas matas não devem ser vendidas POR NENHUM PREÇO. Salve Juparanã, doutor! A terra ali é fraca, e uma vez derrubada a mata, que levou milênios para crescer, ela não se reconstituiria nunca mais. O que o governo pode e deve fazer é comprar ao SESI uma boa faixa de terra na orla da lagoa, para protegê-la. Não como reserva florestal, pois a madeira de lei já foi extraída, mas como beleza natural raríssima. Arrume outro negócio bom para esses mineiros (que muito merecem por ser de Diamantina), arrume cartórios para eles, mas não assassine a beleza de Juparanã.

Doutor, não mate a moça nua!